

um papel enorme na história. Falamos continuamente de progresso e de civilização, sem sabermos exactamente o que entendemos por estas palavras. Haverá um meio de pôr alguma clareza, alguma ordem, alguma precisão nesta confusão? — Vimos que nas duas idéias — civilização e progresso — há um elemento comum: a idéia de melhor. Encaramos uma e outra como a aquisição dum bem que antes não possuíamos, ou como a supressão dum mal que sofríamos. Haverá um mal originário, facilmente reconhecível, e ao qual poderiam reconduzir-se, directa ou indirectamente, todas as mudanças que classificamos sob os dois nomes de «civilização» e de «progresso»?

Se êste mal existe, e se nós o encontrarmos, daremos uma base sólida à doutrina da civilização e do progresso.

Creio que êste mal primordial existe: — é o medo. Parece-me evidente que o medo é, por assim dizer, a mola mais profunda da vida, o sentimento mais forte, comum a todos os seres vivos... O medo é de tal modo o fundo indestructível da vida, que é provavelmente o único sentimento comum aos animais e à humanidade. O homem é por natureza um ser medroso, como todos os animais; pode mesmo afirmar-se que é o ser mais medroso da criação, justamente porque é o mais inteligente

... Aparece na história, e nasce em plena civilização, com uma dose enorme de medo armazenada no seu espírito... Mas se o homem é mais medroso que os animais, distingue-se dos animais porque quer ser corajoso. Entre todas as contradições que formam a natureza humana, a contradição primordial, a contradição base, pode muito bem ser esta:

o homem é um medroso que quer ter coragem.

Creio que é nesta verdade primordial que se pode encontrar a definição da civilização e do progresso. A civilização é uma escola de coragem; mede-se pelos resultados do esforço que o homem faz para vencer os seus medos quiméricos, e por consequência, também, a violência, a ferocidade, a grosseiria e a ignorância que são a consequência dos seus temores, e para conhecer os verdadeiros perigos que o ameaçam, e para se defender deles. Progresso é tudo o que serve ao homem ou que o ajuda a vencer os seus medos delirantes, a descobrir e eliminar os verdadeiros perigos. A civilização é o resultado do progresso entendido desta maneira

O homem é um ser medroso que quer ter coragem; é um delirante que quer raciocinar; é um ser mau que se quer tornar bom; é um ser finito e limitado que desejaria conhecer, apreender e conquistar o infinito; é um monstro angélico, um bruto sublime. A civilização é a vitória da coragem sobre o medo, da razão sobre o delírio, do ser bom sobre o mau, do anjo sobre o monstro. O progresso é tudo o que nos ajuda a alcançar esta vitória. Mas é uma vitória que nunca é definitiva. As forças batidas estão sempre à espreita duma «revanche», justamente porque o homem não é bom nem mau, mas um ser contraditório, ao mesmo tempo bom e mau, grande e pequeno, sublime e miserável. O progresso é o resultado duma batalha que recomeça sempre, e na qual não há vitórias. Assim concebido, o progresso supõe regressões; é indefinido, mas não é contínuo; sofre paragens e retrocessos

G. F.